

## A marca de Barbados

**Maria Amélia Schmidt Dickie**

Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis Brasil  
mariadickie@yahoo.com

**E**m 1974, eu procurava uma alternativa ao que a formatura em Direito me apresentava. No Museu de Antropologia da UFSC, eu ouvira falar, havia um estágio que podia bem servir como introdução ao campo da disciplina. Lá fui eu tentar um processo de seleção. Só sabia que era bom, conversa de alunos num seminário em que o assunto veio à tona. Naquele janeiro, conheci o Sílvio. Não lembro os detalhes de minha chegada ao Museu exceto que, na sala dele, depois de uma pequena entrevista, ouvi sobre o programa a ser desenvolvido e o projeto do Museu de formar estudantes na área de Antropologia. Ouvi também sobre os trabalhos de pesquisa que o Museu já fazia, os nomes dos pesquisadores que, na hora, não significaram muito para mim, e suas áreas de interesse. Lembro que a primeira impressão foi a de ter encontrado um homem que falava muito e que tinha muita certeza sobre o que falava. Foi nesta conversa do Sílvio que conheci também o mais autêntico sotaque ilhéu ilustrado. Não posso deixar de sorrir lembrando meu entusiasmo com o aceite de minha candidatura e o sorriso aberto dele, com brilho inquisidor nos olhos, enquanto falava

Aprendi depois, ao longo dos anos de convivência, que o brilho nos olhos era uma constante quando falava de Antropologia ou de suas convicções. O sorriso aberto reservava para a alegria e, as vezes, para a ironia. Neste caso, era o sorriso meio de lado, com a gestualidade tensa dos braços e com o olhar de brilho cortante. O brilho inquiridor foi, junto com o sorriso, o que mais constantemente vi no Silvio nos dois anos de estagio no Museu. Ao ensinar, eram estes que afloravam, nunca o da ironia. O inquisidor nos desafiava ao raciocínio e a criatividade, o sorriso aberto nos dizia que valia a pena arriscar por estes campos. E o dialogo em momentos tensos, sempre uma possibilidade.

Na minha memória de estagiaria, o espaço do Museu é o utero gestador. No andar de cima, Jane<sup>1</sup> e eu compartilhávamos a sala dos pesquisadores<sup>2</sup>, e éramos contaminadas pelas atividades ao nosso redor. Na biblioteca, com sua mesa comprida, semanalmente prestávamos conta dos textos lidos e ensaiávamos argumentar antropologia nos seminários temáticos orientados pelos pesquisadores. A sala de aula, com um enorme quadro onde pudemos desenhar muitos esquemas de parentesco para conseguir entender as ‘trocas de mulheres’ ou os “grupos de *siblings*”. Ao lado, no topo da escada, a sala do Sílvio era o espaço onde se se entrava a convite ou com um polido pedido de licença.

Sala pequena, mesa grande, o armario, duas poltronas para os visitantes, vaso de plantas. Na estante sob a janela, artefatos indígenas, livros, revistas e papéis escritos. Nas paredes, gravuras e desenhos de Fossari e de Alair. Uma sala improvisada, como a maioria das salas na UFSC naqueles tempos, mas uma sala expressiva de seu ocupante. Ordenada, fazendo o melhor com o que tinha à mão, ao mesmo tempo contendo mais do que seria de se esperar pelos limites físicos de seu espaço. Sala onde eram recebidos os visitantes, as autoridades, os colegas, os pesquisadores e os Xokleng que o visitavam. Sala testemunha das muitas articulações que consolidaram o Museu e o lugar da Antropologia na UFSC.

Naquele ano de 1974, de muitos medos, o ambiente do Museu era o de confiança. Confiança que se traduzia na abertura das discussões e nas responsabilidades políticas que Silvio e os demais pesquisadores atribuíam a Antropologia e com a qual nos impregnaram. A Antropo-

logia que aprendi naquele ambiente foi uma Antropologia atenta aos problemas sociais, atenta as minorias, uma Antropologia que não se furtava ao debate político, antes, fazia dele um projeto e um propósito. Era um ano após a reunião de Barbados, e desta reunião falava-se muito, lia-se muito o que ali havia sido produzido, e crescia-se muito a partir de suas conclusões. As lições de Sílvia eram sempre enfáticas, polêmicas, quase retumbantes e sempre estimulantes. Como aluna, muitas vezes me indignava com sua veemência. Outras, era desafiada ao extremo e impelida a falar ideias ainda não amadurecidas com uma ênfase que elas não mereciam. Jamais fui cortada. Sempre havia da parte dele a provocação criativa que me deixava remoendo minha imaturidade e me impelia aos livros durante toda a próxima semana, até o seminário seguinte.

Esta sistemática era seguida por todos os pesquisadores que dirigiam os seminários. Mas, se com eles os estagiários haviam conseguido estabelecer uma convivência informal, de companheiros de trabalho, com Sílvia ficava clara a hierarquia. Só no fim do ano, quando ele e Alair nos recebiam em sua casa de praia, e ele assava excelentes churrascos para festejarmos as atividades do ano passado, o professor Sílvia via Sílvia, contava muitas histórias, lia conosco das piadas sobre o cotidiano dos trabalhos de campo, sobre nossa vivência no Museu, e, sim, infalivelmente, no entusiasmo do que havia sido realizado. Falávamos dos projetos para os futuros, próximos e distantes e a importância de chegarmos lá.

Como diretor do Museu, um dos primordiais projetos de Sílvia foi a formação de antropólogos. A aceitação de estagiários<sup>3</sup> era um passo, dizia ele, para seguirmos mestrado e doutorado. Por isto, ir a campo com os pesquisadores, seja para escavações arqueológicas, seja para a etnografia de pescadores, seja para uma visita a TI dos Xokleng era uma exigência do estágio. Junto disto, Sílvia foi um incansável estimulador de estágios em outras instituições, aos cursos de mestrado e doutorado dos pesquisadores do Museu, e promoveu a visita de diversos antropólogos brasileiros e estrangeiros para cursos e conferências às quais assistíamos com o entusiasmo de iniciantes motivados. Sílvia nos treinou. E parte deste treinamento sintetiza todo o resto: fomos

participes de todo o processo de organização e realização da Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em Dezembro daquele ano, na UFSC Ainda que Sílvio sempre remeta a Oswaldo Cabral a paternidade da Antropologia catarinense, e de Sílvio o merito de tê-la inscrita na esfera da excelência da UFSC

Ao longo destes anos, desde 1974 em que o professor Sílvio se tornou definitivamente Sílvio, colega e mestre permaneceu comigo a marca daquele ano, que eu chamo de marca de Barbados porque do compromisso ético e político daquele momento derivou para todos os alunos dele a Antropologia que se pensa estratégica e se desenvolve por múltiplos caminhos De Sílvio, sempre, o exemplo e a coerência da grande generosidade com que reparte seus saberes e sua vida profissional, ao rastro indelével que sua trajetória forjou no grupo que tem o privilégio de conviver com ele na UFSC Durante todo o percurso, o mesmo Sílvio, jamais cansado, jamais desistindo, o Sílvio de luta e o Sílvio amigo

Florianópolis, 20 de outubro 2008

## Notas

- <sup>1</sup> Jane Beltrão foi estagiária junto comigo
- <sup>2</sup> Maria Jose Reis Neusa Bloemer Alroino Eble Luis Carlos Halfpap Anamaria Beck que se tornou minha orientadora tinha sua sala no andar térreo junto ao laboratório de arqueologia
- <sup>3</sup> Dagmar von Lisingen e Idaletto Aued já eram estagiários quando Jane e eu chegamos Os bolsistas de iniciação científica da graduação em Ciências Sociais também participavam dos seminários